



UEPB

Universidade
Estadual da Paraíba

Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia
Campus I – Campina Grande-PB

JOSÉ FELIPE ALVES

**A DINÂMICA TERRITORIAL DA FEIRA LIVRE DE REMÍGIO-PB NA
PERSPECTIVA COMERCIAL**

Campina Grande – PB
2017

JOSÉ FELIPE ALVES

**A DINÂMICA TERRITORIAL DA FEIRA LIVRE DE REMÍGIO-PB NA
PERSPECTIVA COMERCIAL**

Campina Grande – PB
2017

JOSÉ FELIPE ALVES

**A DINÂMICA TERRITORIAL DA FEIRA LIVRE DE REMÍGIO-PB NA
PERSPECTIVA COMERCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Aretuza Candeia de Melo

Campina Grande – PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474d Alves, José Felipe
A dinâmica territorial da feira livre de Remígio-PB na
perspectiva comercial [manuscrito] / Jose Felipe Alves. - 2017.
42 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Profa. Dra. Aretuza Candeia de Melo,
Departamento de Geografia".

1. Feira livre 2. Socioeconômico 3. Dinâmica territorial I.
Título.

21. ed. CDD 381.18

JOSÉ FELIPE ALVES

**A DINÂMICA TERRITORIAL DA FEIRA LIVRE DE REMÍGIO-
PB NA PERSPECTIVA COMERCIAL**

Aprovada em 02 de agosto de 2017.

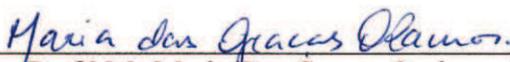
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

BANCA EXAMINADORA



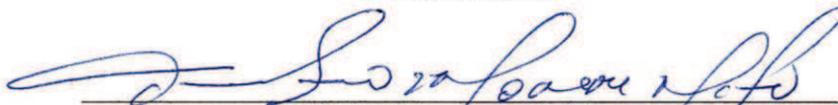
Prof.^a Dr.^a Aretuza Candeia de Melo

Orientadora



Prof.^a Ms Maria Das Graças Ouriques Ramos

1º Examinador



Prof.^o Ms Faustino Moura Neto

2º Examinador

Dedico a Deus primeiramente e aos meus pais,
Alfredo e Ceci que sempre me incentivaram
estudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a *Deus*, por guiar-me sempre na direção do estudo e ajudar-me a concluir este curso com louvor.

Agradeço a toda minha *família*, em especial aos *meus pais*, que sempre possibilitaram e incentivaram-me a estudar.

Aos *amigos*, que inspiraram e motivaram a seguir pelo caminho acadêmico.

Aos queridos *colegas de turma do Curso de Geografia*, aos quais compartilhei anos de aprendizado e estabeleci laços de amizade.

Aos *feirantes da feira livre de Remígio-PB*, pela presteza e a disponibilidade em responder ao questionário colocado em prática.

A todos os *professores do Curso de Geografia da UEPB*, que muito contribuíram para minha formação acadêmica.

A minha orientadora *Prof^aDr^a Aretuza Candeias de Melo*, a qual nutro grande admiração e gratidão por conduzir-me com paciência e dedicação a conclusão deste trabalho.

Aos meus *avós* (in memoriam) por todo cuidado e incentivo ao estudo quando ainda criança.

Enfim a *TODOS*, que contribuíram direta ou indiretamente na minha formação acadêmica.

RESUMO

ALVES, J. F. A Dinâmica Territorial da Feira Livre de Remígio-PB na Perspectiva Comercial. *Monografia (Graduação)*. Curso de Licenciatura Plena em Geografia Departamento de Geografia. Campus I – Campina Grande. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande-PB: UEPB, 2017. 39p.

O presente trabalho teve como o objetivo central compreender a dinâmica territorial da feira livre do município de Remígio-PB na perspectiva comercial. Esta dinâmica constituiu entender o perfil socioeconômico dos feirantes, e buscar a formatação do espaço da feira livre por meio de suas materialidades e das ações que garantem o movimento comercial desses feirantes como meio de sobrevivência na perspectiva da economia informal. Este tipo de trabalhador desenvolve a atividade de feirante de modo informal, ganha pouco e possui uma jornada de trabalho exaustiva, chegando a alguns casos a trabalhar 7 dias por semana. Para melhor compreensão, baseado na pesquisa foi possível codificar informações repassadas pelos entrevistados, através da abordagem quali-quantitativa, que se mostraram múltiplas aos questionamentos realizados. O questionário aplicado previamente elaborado foi estabelecido em 18 questões, as quais buscaram traçar o perfil social, econômico, comercial e características peculiares de um alvo de 21 feirantes, tal qual se insere como atores sociais da feira livre de Remígio. Uma das características mais comuns encontradas junto aos entrevistados foi a de que não exercem atividades formais ou informais (fora da feira) além da própria feira livre e que alguns desenvolvem trabalhos na agricultura. Conclui-se que a dinâmica territorial da feira livre ocorre em grande parte devido a sua localização geográfica concernente aos municípios circunvizinhos. Ressalta-se a importância deste território para a vida econômica e social dos feirantes como uma das condições que garantem o meio de sobrevivência quanto ao espaço da feira uma centralidade comercial.

Palavras chave: Socioeconômico. Feirantes. Território.

ABSTRACT

ALVES, J. F. The Territorial Dynamics of the Free Fair of Remígio-PB in the Commercial Perspective. *Monography (Graduation)*. Full Degree in Geography. Department of Geography. Campus I - Campina Grande. State University of Paraíba. Campina Grande-PB: UEPB, 2017. 39p.

The present work had as its central objective to understand the territorial dynamics of the free fair of the municipality of Remígio-PB in the commercial perspective. This dynamic was to understand the socioeconomic profile of the fairgrounds, and search to understand the format of the space of the fair by means of its materialities and the actions that guarantee the commercial movement of the fairgrounds as a means of survival from the perspective of the informal economy. This type of worker develops informal activity, earns little and has an extensive work day, reaching some cases working 7 days a week. For a better understanding, based on the research, it was possible to codify information passed on by the interviewees, through the qualitative-quantitative approach, which proved to be multiple to the questions raised. The previously applied questionnaire was established in 18 questions, which sought to trace the social, economic, commercial profile and peculiar characteristics of a target of 21 fairgrounds, as it is inserted as social actors of the free fair of Remígio. One of the most common characteristics found among the interviewees was that they did not carry out formal or informal activities (outside the fair) besides the fair itself and that some of them work in agriculture. It is concluded that the territorial dynamics of the free fair occurs largely due to its geographic location concerning the surrounding municipalities. It is important to emphasize the importance of this territory for the economic and social life of the fairgrounds as one of the conditions that guarantee the means of survival as to the space of the fair a commercial centrality.

Keywords: Socioeconomic. Trade Shows. Territory.

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Remígio-PB.....	24
Figura 2: Utensílios de Cerâmicas.....	30
Figura 3: Cereais em Sacos.....	30
Figura 4: Tarimba de Peixe.....	30
Figura 5: Tarimba de Carne.....	30
Figura 6: Banco de roupas.....	30
Figura 7: Vasilhames Secos.....	30
Figura 8: Barraca de Condimentos.....	30
Figura 9: Caixotes e Cestas de frutas.....	30
Figura 10: Banca de Verduras.....	30
Figura 11: Perfil da Economia informal na feira livre de Remígio.....	31

Lista de Gráficos

Gráfico 1- Faixa Etária dos Feirantes.....	31
Gráfico 2- Nível de Escolaridade dos Feirantes.....	33
Gráfico 3- Feirantes que possuem e que não possuem Funcionários.....	37
Gráfico 4- Feirantes que recebem ajuda de algum familiar ou não e possuem Funcionários..	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1. Abordagens Conceituais de Território, Territorialidade e Desterritorialidade	13
1.2. Análise Histórica da Feira Livre no Brasil	17
1.3. Economia Informal na Perspectiva Comercial	21
2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	24
2.1. Caracterização Locacional e Física.....	24
2.2. Dinâmica Histórica e Populacional.....	25
2.3. Estrutura Econômica.....	26
2.4. Aspectos Educacionais.....	27
2.5. Fatores Culturais	28
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
3.1. Perfil Socioeconômico do Feirante Flutuante da Feira Livre de Remígio-PB	29
3.2. Circuito da Circulação dos Feirantes Conexas: origem, tempo, tipo de comércio, renda e perspectiva de melhoria de vida.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42

INTRODUÇÃO

As feiras são fenômenos históricos, podendo ser de ordem econômica, social e/ou cultural. Há registros de sua existência desde as mais remotas épocas. É um fenômeno que teve seu processo de desenvolvimento atrelado conjuntamente com as mudanças das sociedades, sobrevivendo junto às transformações dos tempos e mantendo-se viva até os dias atuais. No Brasil, a feira livre está presente desde a época colonial, serviu de culminância e alicerce para a criação de muitos municípios, funcionando como uma ponte para a descoberta e exploração dos espaços no contexto territorial brasileiro.

No Nordeste brasileiro, as feiras livres estabeleceram forte resistência e um grande desenvolvimento, permanecendo viva até os dias de hoje. Sendo, atualmente, ainda, para muitos municípios um meio eficaz de contribuição na economia dos mesmos. A feira também passou a ser responsável por gerar uma renda favorável, que serve de importante ajuda para a sobrevivência de muitos comerciantes que exercem suas atividades, tanto nos municípios de morada como em outros, vendendo os seus produtos, e assim, garantindo seu próprio sustento e o de seus familiares.

Assim como na região Nordeste e nos demais do Estado da Paraíba, a feira livre tem papel importante no município de Remígio-PB. É tradicionalmente realizada nos dias de Domingo e atrai a atenção e participação de diversos comerciantes e pessoas do próprio município e de municípios vizinhos.

Diante do exposto o objetivo central deste trabalho foi o de compreender a dinâmica a dinâmica territorial da feira livre de Remígio na perspectiva comercial, sem deixar a margem à categoria geográfica territorial, colocando sob a ótica desta pesquisa a importância comercial que feira exerce para a sobrevivência dos feirantes que nela executam suas atividades e desenvolvem seus próprios territórios. E por fim, a finalidade deste foi de mostrar como a feira livre do município de Remígio possui uma importância significativa na geração de renda e trabalho na vida dos feirantes que participaram desta pesquisa.

Em virtude disso, buscou-se elucidar questões como a origem, sexo, tempo de experiência na atividade, aferição de renda, nível de escolaridade, composição trabalhista (se são funcionários), bem como se recebem ajuda de familiares dentre outras questões, que se configuraram e determinam o perfil socioeconômico dos feirantes mostrando-se pertinentes e importantes para sanar as perguntas, passando a gerar as respostas pertinentes a este estudo.

Quanto aos procedimentos metodológicos, este trabalho teve como base o trabalho realizado de Rea e Parker (2002), que fala sobre a utilização de métodos e técnicas de pesquisa que está associada aos objetivos e aos fundamentos teóricos do objeto de estudo. Este procedimento exige uma escolha criteriosa e sistemática para se fazer a descrição, explicação e análise de fatos e fenômenos investigados ou estudados.

No trabalho realizado sobre “A Dinâmica Territorial da Feira Livre de Remígio na Perspectiva Comercial”, este procedimento foi descrito através da abordagem quali-quantitativa, ou seja, com aplicação simultânea dessas duas abordagens para interpretação e análise do objeto de estudo.

Este trabalho teve início com uma pesquisa bibliográfica, a qual foi redimensionada na busca de dados sobre a elaboração da fundamentação teórica, na qual teve como destaque três pontos principais: 1. abordagens conceituais de território, territorialidade e desterritorialidade; 2. análise histórica da feira livre no Brasil; 3. economia informal na perspectiva comercial. Foi realizada uma revisão de literatura sobre o tema principal em livros, artigos, monografias, dissertações, *papers* e textos através de sites da internet.

O material utilizado retrata o tema da feira livre sobre diversas possibilidades, tanto no seu contexto histórico e/ou contemporâneo, desde feiras livres de municípios de outras regiões do país, bem como sobre feiras livres de municípios do Estado e também foi encontrada uma Monografia que aborda o tema no município foco do estudo.

Em seguida, na segunda parte o material de trabalho esteve embasado em literaturas já existentes (trabalhos, livros, documentos e órgão) que veio a contribuir de forma primordial na dissertação da caracterização da área estudada deste trabalho. Todo esse material foi de grande eficiência para o desenvolvimento do presente estudo, tendo como destaque: caracterização locacional e física; dinâmica histórica e populacional; estrutura econômica; aspectos educacionais e fatores culturais.

Na terceira parte deste trabalho, foi realizada a redação sobre a obtenção dos resultados e discussões do trabalho mencionado, sob a proposta da pesquisa quali-quantitativa. Foi elaborado um questionário com 18 perguntas fechadas com opções de respostas em cada uma delas.

A pesquisa de campo foi aplicada a 21 feirantes que se encontram presentes semanalmente na feira livre de Remígio. Esse questionário foi colocado em prática no dia da feira livre, que é realizada aos Domingos. Esta pesquisa de campo realizou-se no mês de março do ano de 2017 e foi de suma importância na fundamentação e desenvolvimento deste trabalho.

O questionário aplicado de ordem quantitativa foi previamente elaborado levando em consideração o objetivo deste trabalho. Foram estabelecidas 18 questões, as quais buscaram traçar o perfil social, econômico e comercial dos feirantes da feira livre de Remígio. Foi de suma importância tal pesquisa, na perspectiva de proporcionar um amplo conhecimento a respeito dos feirantes, e a fim de saber a relevância que a feira do município em foco tem na vida desses atores sociais.

A análise de dados foi elaborada conforme as respostas dos entrevistados diante do questionário realizado, e assim, foi possível gerar os gráficos. Foram analisados dados a respeito do sexo; gênero; idade; escolaridade; origem; tempo de atividade como feirante; produto que comercializa na feira; a renda adquirida por semana, quinzenalmente ou mensalmente, entre outras questões desenvolvidas previamente e distribuídas no questionário com as 18 perguntas. Tais perguntas foram elaboradas de forma fechada e com a disposição de algumas alternativas de resposta. Também foi realizado o uso de registros fotográficos para melhor compreensão visual desses dados levantados nesse trabalho.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Abordagens Conceituais de Território, Territorialidade e Desterritorialidade

A palavra território permanece ainda sobre forte investigação ao que concerne a sua redefinição. Como argumenta Souza (2013), o conceito de território é usado ainda de forma

ampla, sendo que no cotidiano esta definição pode se remeter a apenas a extensões de terras grandes. Como se o conceito fosse atrelado somente a um espaço terrestre.

O vocábulo “território” é, ainda hoje, quase que sinônimo de espaço geográfico. Não que lhes escape a tradicionalíssima vinculação entre essa palavra e o discurso político do Estado-Nação (território nacional), ou que lhes escapem mesmo as alusões a relações de poder em geral (SOUZA, 2013, p.78).

De acordo com o acima citado, até geógrafos e cientistas políticos utilizam o termo território de uma forma tida como “descuidada”. Essa forma de uso teria como ponto inicial a dificuldade na extração das consequências relacionadas ao fato de que intuitivamente, mesmo sendo pelo senso comum, o conceito de território é atribuído a um espaço político.

Em verdade, tal posicionamento de cientistas políticos, geógrafos numa perspectiva de senso comum, essa visão conceitual sobre território não é apenas um descuido, mas se trata também de um vício de ideologia que os fazem reproduzir tal ideia.

Para Souza (2013), o conceito de território se fundamenta a partir da definição e delimitação de um determinado espaço no qual se atribuem relações de poder que se desenvolvem em seu interior. Porém, essa atribuição não é suficiente para se chegar a uma definição satisfatória sobre a conceituação da categoria geográfica abordada. Haja vista, que para isso teríamos de considerar que as relações que se dão nesse espaço permanecem inertes ao tempo, não sofrendo qualquer alteração ou transformação.

Existem relações de poder que se desenvolvem em determinados espaços que são previamente definidos e delimitados, todavia, esse espaço sofre transformações perante o tempo. Este espaço ocupa-se e desocupa-se diante das relações sociais que agem em seu interior, não se limitando a tal definição. Essas relações de poder também podem existir mesmo dentro de um mesmo grupo, aos quais existam relações de hierarquia ou até de grupos para grupos, em que um possua elementos suficientes para se sobrepuser a outros.

Esta definição de território baseada no exercício do poder é por vezes deixada de lado por pesquisadores ainda nos dias de hoje que tratam de definir território como sendo apenas um substrato material, levando a usar o conceito em foco como sendo um sinônimo de espaço geográfico. Tal posicionamento deliberado por pesquisadores e mesmo autores clássicos é o que o autor chama de discurso “coisificador” ou “coisificante”, pois faz com que território seja confundido com um pedaço qualquer da superfície terrestre, delimitado pelo observador de acordo com o que o mesmo deseja explicar (SOUZA, 2013). Ainda para o autor citado, o mesmo diz:

(...) Confundir, menos ou mais conscientemente, território e substrato espacial material equivale a ‘coisificar’ o território, fazendo com que não se perceba que, na qualidade de projeção espacial de relações de poder, os recortes territoriais, as fronteiras e os limites podem todos mudar, sem que necessariamente o substrato material que serve de suporte e referência material para as práticas espaciais mudem. (...) (p. 90).

De acordo com Mariani e Arruda (2010), o conceito de território se remete a ideia de lugar, espaço onde as pessoas residem ou o local onde se desenvolvem múltiplas relações entre seus agentes, sejam estas relações de ordem social ou econômica. Conforme os autores citados, até meados do século XX a noção de território se confundia com a ideia de Estado-Nação. Isso ocorria mediante as disputas por mercado que se davam entre os países capitalistas.

(...) Nesta perspectiva, os territórios eram inteiriços, limitados apenas pelas fronteiras físicas com outros países e geridos por um poder político estatal, que promovia as políticas de bem estar e segurança nacional, garantindo legitimidade ao território sob seu domínio. ” (MARIANI e ARRUDA, 2010. p. 4).

Esse conceito de território, segundo os autores mencionados acima, passa por um processo de transformação nos últimos anos da década de 1990 e os primeiros dos anos 2000. O referido conceito passa a ganhar um sentido mais amplo, passando dessa forma a abordar a uma diversidade de questões que dizem respeito ao controle físico e simbólico que se dão em uma área determinada.

Essa ampliação de forma mais plural do conceito de territórios e deve ao processo de globalização que se difundiu por todo planeta. A globalização foi responsável por surgirem diversas empresas multinacionais/ transnacionais, e também fez com que os territórios se interligassem em rede de forma constante, fazendo assim com que o Estado-Nação tivesse seu poder político esfacelado.

O território é um espaço onde se dão relações variadas de poder, sendo que esse poder é exercido por diversas formas e por variados agentes. Esse poder pode vir do Estado que executa sua força sobre determinados grupos de pessoas que possam a vir confrontar seus interesses e regras. Da hierarquia entre grupos ou dentro das empresas, do domínio de um grupo sobre outro, como por exemplo, o poder exercido por um grupo de traficantes perante a uma comunidade, o poder estabelecido através de cargos executivos, judiciário, dentre outras formas de relação de poder que se dão dentro de um estado- nação ou no interior do mesmo. Mariani e Arruda (2010) ainda citam em seu trabalho, a definição de território estabelecida pelo renomado pesquisador da temática territorial Rogério Haesbaert.

Para Haesbaert *apud* Mariani e Arruda (2010), a noção de território pode ser compreendida por três perspectivas ou enfoques diferentes, são elas: a jurídica-política, na qual o território é considerado como um espaço delimitado e controlado por um poder estatal, a perspectiva cultural, pela qual o território é colocado sobre dimensões simbólicas e subjetivas, nas quais, o território é visto como um produto de apropriação do imaginário e da identidade social.

Por fim, Haesbaert *apud* Mariani e Arruda (2010) traz a perspectiva econômica, esta enfocando o território como produto espacial de embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho. As relações de poder também podem em diversas circunstâncias dá lugar a relações de afetividade que se viabilizam através da atitude de muitos grupos de pessoas ou tribos que se instalam sobre determinado espaço e constroem um laço de forte carinho ou em outras ocasiões de poder através do medo, como exemplificado acima pelo poder exercido por traficantes dentro de uma comunidade. Pode-se assim dizer que, nesse espaço ocorre um processo de territorialidade.

Souza (2013) também traz o conceito dos chamados territórios móvel. Esse tipo de território se configura conforme uma “convenção entre navios de guerra de não se aproximar de belonaves estrangeiras em alto mar”. Conforme o exemplo, isso ocorre porque cada navio institui ao seu redor, uma espécie de território; esse território sofre seu deslocamento de acordo com a condução da guerra. Há também, os chamados territórios cíclicos. Já o conceito de território cíclico mencionado por Souza, ocorre através da presença de grupos diferentes que ocupam determinado espaço durante o turno da noite ou do dia e nele praticam também ações diferentes.

Costuma-se exemplificar tal conceito por meio de uma praça ou rua ocupada por prostitutas e travestis durante a noite, que utilizam tal espaço para se comercializarem e durante o dia essa mesma rua ou praça é espaço de mobilidade para a população, na qual se pode até observar a presença, por exemplo, de aposentados e mães com filhos que utilizam esse espaço para seus filhos brincarem.

Quanto à territorialidade, Mariani e Arruda (2010) dizem que se este se configura como sendo um fenômeno de comportamento associado à organização espacial em esferas de influência ou ainda em territórios que se diferenciam aos quais são considerados distintos e exclusivos, ainda que seja de forma parcial, por aqueles que os habitam ou para aqueles que os definem. Exemplos:

Determinada família em um bairro; traficantes em uma favela; grupo de sem terra ocupado um espaço (invasão); tribo as margens de um rio; gangue; grupo religioso, entre

outros. Sua crença, seus costumes, suas manifestações de fé, de cultura e tudo que colocam em prática nesse espaço determinado é uma forma de territorialização, ou seja, a territorialidade se dá a partir do sentimento de identidade e de experiências de vida que um determinado povo desenvolve em um espaço.

Com base no conceito de território e de territorialidade, surge como sequência o termo desterritorialidade. Esta se dá quando essas relações são interrompidas e esse espaço e tudo que o compõe são esfacelados ou substituídos por outros grupos que redesenham a sua própria maneira esse espaço. A destruição de uma população indígena, o fim de uma civilização, a ruína de um povo, a extinção do território de uma espécie animal ou fim da mesma, dentre outras situações que podemos tomar como exemplo de um processo de desterritorialização.

Souza (2013), fala que o processo da territorialização ou desterritorialização em muito se configura a experiências culturais e de identidade, aos quais possuem relevante importância. No caso da desterritorialização, Souza diz, que este processo pode se dá de forma traumática, pois é um processo de desenraizamento, no qual atinge determinados indivíduos e/ou grupos sociais que acabam por se esfacelarem ou passam a serem subjugados por outros, que, em muitas ocasiões os privam o acesso a recursos e riquezas que outrora usufruíam.

(...) O território de gangues de jovens ou “tribo urbana” é, simultaneamente, o espaço primário de afirmação de uma identidade e da reprodução de um estilo ou subcultura, assim como o enfrentamento entre, digamos, *anarco-punks* e *skinheads*, por envolver uma dimensão de poder e a disputa por território, nem por isso deixa igualmente de envolver logicamente e acima de tudo, uma fricção no plano cultural-simbólico. (...)” (SOUZA, 2013, p.101-102).

Conforme Souza (2013) a territorialização ou desterritorialização sempre envolve o exercício de relações de poder em primeiro lugar. Também envolve, em muitas circunstâncias a prática violência, que dissemina, sobre o deslocamento de um povo de determinada área, a conquista militar de um território, de uma nação submetida à força militar de outra, a disputa territorial por uma cidade. Na qual se pode tomar, por exemplo, a atual cidade de Aleppo na Síria, alvo de um conflito violento entre tropas do governo e o grupo terrorista “estado islâmico”. Enfim, são múltiplos os exemplos de desterritorialização envolvendo a violência como força motora.

1.2. Análise Histórica da Feira Livre no Brasil

A feira livre é uma fonte comercial dos mais diversos produtos. É uma vitrine dos mais variados produtos e mercadorias e possui ao longo dos tempos uma grande importância

na história mundial e do Brasil. Conforme Barbosa (2013), não se sabe ao certo onde e nem quando surgiram às primeiras feiras, porém algo que se divulga que esta atividade é uma prática bastante antiga, com a ocorrência de registros de até 500 a.c.. Acredita-se que os gregos e romanos durante a Idade Média tenham consolidado essa prática.

Segundo o autor acima citado, na Idade Média, no período que compreendeu a transição do fim do feudalismo e início do capitalismo, os povos começaram a comercializar determinados artigos que eram produzidos em escala superior ao que necessitavam, ou seja, o excedente. Esse excedente era trocado por mercadorias as quais eles necessitavam, mas que não as produziam. Essa troca ganhou o nome de escambo, e podia se dá de duas formas, ou por mercadorias ou por trabalho.

Na atualidade essa troca passou a ocorrer através da presença de moedas, e este processo de deu a partir da expansão da prática comercial que fez surgir dois componentes sociais de grande importância no aspecto comercial: o consumidor e o comerciante, ao qual estabelecem uma relação comercial de forte conjuntura, surgindo daí o que se veio a chamar de Divisão Social do Trabalho (DST), instituído por Karl Marx no século XVIII.

A partir do DST, nas feiras livres passou-se a utilizar de forma mais veemente a troca. Com o passar dos tempos, essa prática sofreu mudanças, passando a ser utilizada a moeda (dinheiro) como principal ferramenta de troca das mercadorias, conforme argumenta Barbosa (2013, p.12). [...], posteriormente vai haver uma mudança nesse caráter, onde as trocas, agora se dão de mercadorias por dinheiro. Conforme Corrêa 1995 *apud* Barbosa p.12, relata que:

Esse sistema comercial surgiu com pouca importância, porém com o tempo foi ganhando destaque, e estabelecendo uma necessidade natural a um tipo de comércio que fornecesse a toda população práticas comerciais mais acessíveis em todos os aspectos [...].

Para Chaves (2011), a feira livre no Brasil surgiu desde o período colonial, onde os habitantes já comercializavam metais preciosos, produtos típicos da região tropical e produtos das mais diferentes espécies. A feira livre de outrora funcionava em locais pré-determinados, onde a população se reunia no espaço em que o evento se difundia a fim de suplantiar suas necessidades comerciais e também realizar atividades de cunho sociocultural. Dessa forma, a feira livre no Brasil se consolidou como uma forma antiga e tradicional de lazer e comércio, e também como centros de sociabilidade das cidades.

As primeiras feiras que se deram em território brasileiro foram no litoral ou mesmo em locais com um grande fluxo de pessoas. Essas feiras foram se difundindo pelo interior da região Nordeste, onde tiveram forte influência no povoamento e criação de cidades. Mesmo

tendo se difundido por outras regiões do Brasil. No Nordeste a feira obteve e mantém um perfil integrador de grande intensidade, gerando grande importância na economia da região. Muito desse processo de disseminação da feira livre, principalmente no Nordeste se deve ao fato da comercialização do gado e do algodão, que em muito contribuiu para exploração e conhecimento de seu interior (CHAVES, 2011).

As feiras de gado, segundo argumenta Barbosa (2013), surgiram por volta do século XVII, quando o gado era deslocado da zona rural para as cidades, esse processo se acentuou mais forte na região nordeste, esse gado era colocado para a engorda e por fim comercializado. Todavia, a chamada feira do gado, se dava apenas uma vez por ano. Assim, conseguia atrair um número grande de pessoas que partiam de variadas localidades, que iam comprar ou vender. A feira do gado tornava-se assim um grande evento, qual era anseio de muitos perante o ano todo. Dele era comercializada a carne, seu couro, seu leite e produtos derivados do próprio leite.

No princípio do século XX, as feiras livres possuíam um domínio muito grande sobre o comércio do Brasil, o que levou a muitos estabelecimentos comerciais a decretarem falência, abrindo assim margem para que feirantes e donos de estabelecimentos comerciais travassem uma disputa feroz por esse mercado consumidor. “A Feira era considerada por muitos como local de barulho, bagunça, transtorno, da falta de higiene... Enquanto que nos estabelecimentos comerciais transcorria a limpeza, a modernidade, a segurança, era lugar confortável e higiênico” (BARBOSA, 2013).

Na Paraíba, o processo de desenvolvimento da feira livre não se deu de modo alheio ao ocorrido nas outras regiões do Brasil, a feira livre no estado acompanha a história ocorrida no território nacional. Contribuindo de forma importante para povoar municípios, conhecer e explorar o interior do Estado. Por volta das décadas de 1840 e 1850 do século XIX, as feiras livres de Areia e Mamanguape se caracterizavam como as grandes feiras da Paraíba em grau de importância, isso se deve na época ao declínio ocorrido a feira livre de Campina Grande (CHAVES, 2011).

Câmara *apud* Chaves (2011, p. 21) relata que: “entre as décadas de 1840-1850 a feira de Campina Grande encontrava-se em declínio, enquanto as feiras de Brejo de Areia e Mamanguape se apresentavam como as mais importantes da província da Paraíba. (...)”.

As feiras livres ocorridas nos diversos municípios da Paraíba conforme argumenta o próprio autor, são espaços únicos para que se comercializem os bens produzidos nestes municípios, tal comercialização vem a suprir as necessidades da população local, contribuir na sua renda, que na maioria das vezes têm somente na feira livre a fonte para sua

sobrevivência e escoar a produção agrícola e as pequenas produções industriais que pontuam nesses municípios. É, sobretudo, uma fonte de geração de renda para populações de baixa renda que se localizam nesses territórios.

Chaves (2011) descreve que na atualidade ainda é possível observar a presença de muitas feiras livres e mercados que se espalham por quase todos os municípios que compõem o Agreste Paraibano. É um espaço de sobrevivência e de suma importância socioeconômica para as populações desses municípios.

Conforme o tempo, a feira livre teve um papel de grande relevância na urbanização brasileira, seu dinamismo e seu desenvolvimento trouxeram uma aceleração no processo de urbanização, que acarretou no surgimento de grandes centros urbanos, isso se deve em suma a importância comercial exercida pela feira, que em caso positivo contribuiria para o processo de difusão desses centros ou em caso de fracasso, vinha a contribuir no desaparecimento desses centros (CHAVES, 2011).

Nos dias de hoje, para Barbosa (2013), as feiras livres no Brasil ainda mantêm firmeza e grande destaque sociocultural, caracterizando por aspectos de ordem diferentes as diversas regiões e regionalidades do país. Elas estão presentes por todas as partes do país, e se configuram por apresentar-se como uma forma de comércio varejista exposto ao ar livre.

Essa comercialização de pequenas quantidades de mercadorias vendidas de forma direta ao consumidor é um dos pilares centrais de caracterização da feira livre que se consolidou através dos tempos. É um processo de comercialização que se desenvolveu com características semelhantes à feiras livres como a de Portugal e Espanha, e também as africanas (BARBOSA, 2011).

Mesmo vivendo em uma era onde a tecnologia é um fator predominante, na qual a feira livre tem de competir com supermercados que oferecem as mais variadas opções de produtos ofertados, aos quais muitos se encontram nas feiras, como carnes, frutas, verduras, dentre outros exemplos, as feiras livres ainda sobrevivem com firmeza aos novos tempos.

Barbosa (2013) argumenta que mesmo vivendo a passagem do século XX para o XXI, ainda é notável as feiras livres tais como eram no período colonial, configurando-se pela presença de bancos e barracas montados lado a lado e expondo produtos que estão a venda. Para o autor (p. 14), isso se deve ao fato de que:

Por se tratar de um espaço aberto e de fácil acesso a população, essa forma de comércio no varejo possibilita um contato direto entre o comprador e o vendedor, resultando numa negociação do custo dos produtos e também na livre escolha, o que resulta na redução dos preços e conseqüentemente numa venda maior.

As feiras livres vêm sobrevivendo aos tempos pelo fato de serem um meio ou um único meio de sobrevivência para muitas famílias brasileiras moradoras em sua maioria em pequenas cidades do país, situadas principalmente na região nordeste, e que tiram da feira livre sua fonte de renda ou uma ajuda significativa para complementar essa renda. A feira sobrevive ao que chama o autor de negação da rua, um processo que marca a urbanização brasileira.

1.3. Economia Informal na Perspectiva Comercial

Para Pamplona (2004), o conceito de atividade informal ou setor informal passa por duas vertentes. A primeira se configura por tratar o setor informal como um conjunto de atividades fora da lei. A atividade informal é um conjunto de atividades não declaradas ao estado, não registradas, consideradas extralegais, mas que, todavia, são perante a sociedade considerada como atividades lícitas. A segunda vertente do setor informal, é considerado como sendo um conjunto de unidades de produção, aos quais não é considerada típica do capitalismo.

O trabalho assalariado não é um componente constituinte destas unidades de produção, tais unidades produtivas informais não são plenamente capitalistas, porque as taxas de lucro não são o seu norteador e sim, o rendimento total de seu dono. “A prioridade é a manutenção da família, e só depois vem à manutenção do negócio ou a preocupação com “retornos de investimentos”, conforme discorre Pamplona (2004, p.311). Tendo como principal objetivo dessas unidades a geração de emprego e renda para os que estão inseridos em sua prática. Quando passa a haver acumulação, a atividade, pode então deixar se de ser vista como informal.

O setor informal representa uma forma de produzir caracterizada fundamentalmente pela existência do autoemprego. A unidade produtiva informal funciona fundamentalmente para garantir um emprego e, obviamente uma renda para seu proprietário, que nela trabalhará diretamente e controlará seu próprio processo de trabalho. Valorizar o capital não é o principal objetivo. O negócio informal é, antes de tudo, uma forma de criar o próprio emprego do seu proprietário (PAMPLONA, 2004. p. 312).

Com base na perspectiva comercial, a economia informal transcorre pelas ruas na figura dos chamados vendedores ambulantes. Estes recebem tal nomenclatura por praticarem o exercício de vender diretamente ao consumidor produtos normalmente de baixo valor ou prestarem serviços de alimentação em praças, vias e/ou logradouros públicos espalhados pelas cidades, que ali se instalam com ou sem permissão oficial, conforme argumenta Pamplona. O

ambulante é um trabalhador autoempregado que tem na atividade informal a garantia ou a soma de sua renda.

Os ambulantes são possuidores dos mais diversos equipamentos para poderem exercer de fato a comercialização de seus produtos. Tais equipamentos vão desde: Barracas, podendo ser removidas ou não, trailers, veículos automotivos e á propulsão humana, tabuleiros ou até mesmo o simples plástico que eles estendem ao chão e ali espalham suas mercadorias. Cabe ressaltar que tais equipamentos são em suma de origem própria.

Os produtos que comercializam podem ser de ordem legal ou não. Podem ser produtos próprios, podem ser produtos da ordem de contrabando, de fruto de roubos, da pirataria, de fabricantes formais e informais, etc. Não há uma limitação daquilo que o vendedor comercializa como visto, seus produtos são de ordem e origens diversas. Em algumas situações, os ambulantes contam com a ajuda de familiares ou empregados para venderem a diversidade de suas mercadorias, embora em via de regra, sejam eles próprios a exercerem sozinhos essas práticas.

Segundo Bueno et al. (2013) a informalidade é um fenômeno que ganhou força, ao que concerne a sua ampla discussão a partir da década de 1990, quando o mundo passou a conviver com todos os avanços e retrocessos da globalização. Diante de sua pluralidade, a informalidade passa não mais por um debate a respeito de sua aprovação ou condenação, e sim, ao âmbito, de que esta prática trabalhista seja vista pelo viés de sua relação com o trabalho decente.

De acordo com os autores mencionados acima, esse debate é conduzido pela a Organização Internacional do Trabalho (OIT) que criou o termo trabalho decente, que pode ser compreendido Como uma forma de trabalho de qualidade e produtivo, que venha a garantir ao trabalhador condições de liberdade, segurança, equidade e dignidade. Com o surgimento de novos termos a respeito do fenômeno em debate, o estágio e o comércio ambulante passam a serem vistos como parte heterogênea das atividades informais.

Com todo esse processo de globalização a pleno vapor, que veio a trazer mudanças significativas ao mercado de trabalho, fazendo com que muitos trabalhadores tivessem de migrar para uma nova função ou buscar novos meios de renda. A informalidade se disseminou por todas as partes do planeta junto ao processo de globalização, que foi um fator primordial para as mudanças nas relações de trabalho.

A informalidade está presente nas ruas de várias partes do mundo através da ação de vendedores ambulantes na Índia, por exemplo, ou em um mercado na Arábia Saudita na figura de um pai de família que recebe ajuda de um membro de sua família para mercantilizar

seus produtos ou de uma diarista no Brasil que presta seus serviços a um lar brasileiro (BUENO et al., 2013).

A informalidade do trabalho está presente também no exercício da força de trabalho, que pode tanto vir da função de uma diarista que exerce essa força de trabalho em diferentes ambientes e lares para garantir ou somar no sustento de sua família, está presente com as barracas de cachorro quente que vemos estacionadas em uma praça ou em frente a um colégio ou mesmo a uma universidade e também podemos presenciar informalidade na configuração do exercício que muitas pessoas fazem de venderem as mercadorias que produzem de porta em porta por várias localidades em diferentes partes do país.

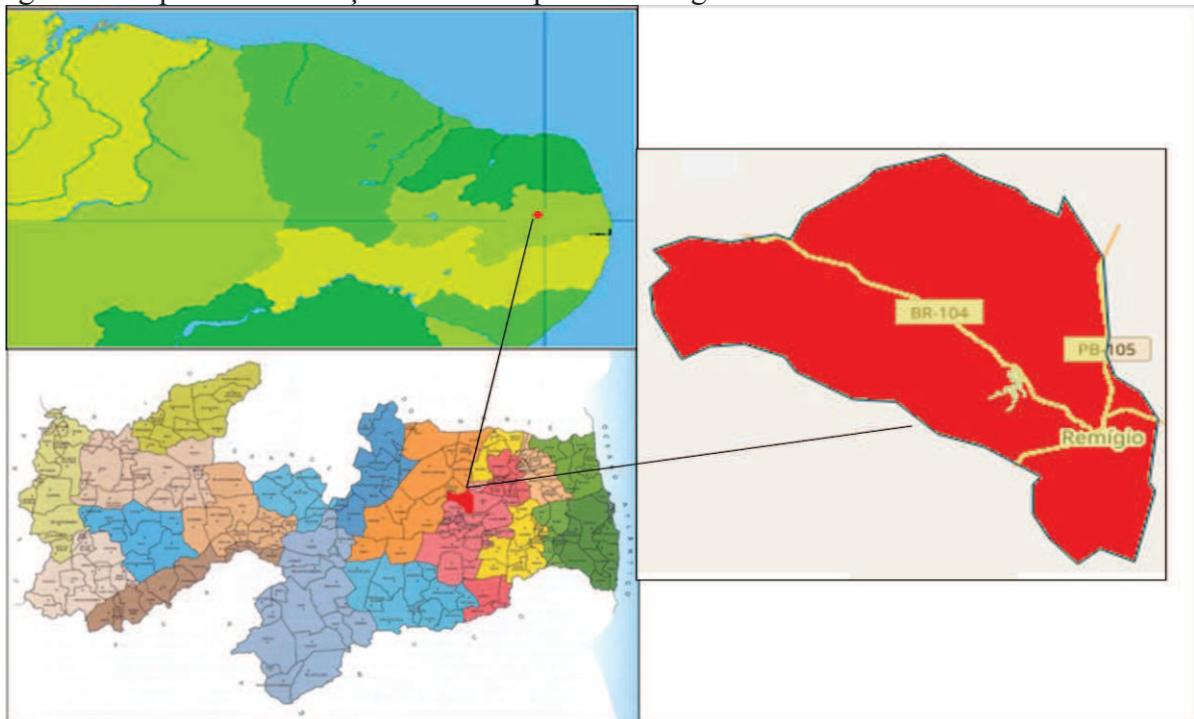
A definição do setor informal ou da atividade informal diante a pluralidade contida em seu exercício passa pela comumente característica da falta de reconhecimento ou proteção dos direitos trabalhistas daqueles que estão inseridos nesse contexto de atividades. Ou seja, o trabalhador informal não possui qualquer legitimidade ao que concerne a atribuição legal de seus direitos em exercer uma atividade que fuja do âmbito da formalidade. O trabalhador informal vive a margem, desprotegido pelas leis trabalhistas (BUENO et al., 2013).

2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1. Caracterização Locacional e Física

Remígio é um município que se localiza na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião do Curimataú Ocidental do Estado da Paraíba, apresentando uma área de 178 km² e encontra-se entre as Coordenadas Geográficas 6° 53' 30" Latitude Sul e 35° 49' 51" Longitude Oeste. Limita-se com os municípios de Barra de Santa Rosa e Damião a Noroeste, Algodão de Jandaíra a Sudoeste, Casserengue e Solânea (29 km) ao Norte e Nordeste respectivamente, Areia (12 km) e Arara ao Sudeste e Esperança (11 km) ao Sul (CHAVES, 2011; RODRIGUEZ, 2002) – (Figura 1).

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Remígio- PB.



Fonte: IBGE, 2013 e RODRIGUEZ, 2002.

Localiza-se a 132 km da Capital do Estado - João Pessoa e a 36 km de Campina Grande e encontra-se a uma altitude 593m sobre o Planalto da Borborema. O acesso para o município é possibilitado através da BR's- 230 e 104, além das BR's 079 e a 105 que cortam o município (CHAVES, 2011). Segundo o Ministério da Integração Nacional (BRASIL/MIN, 2006), o município está incluído na área geográfica de abrangência do Semiárido brasileiro. Esta delimitação tem como critérios o índice pluviométrico, o índice de aridez e o risco de seca.

De acordo com a CPRM (2005), Remígio faz parte da unidade geoambiental do Planalto da Borborema. O relevo é constituído por maciços, outeiros altos, vales profundos e

estreitos dissecados, apresentando predominantemente relevo suave a ondulado com cotas altimétricas entre 650 metros a 1.000 metros.

O clima é do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco. A estação chuvosa se inicia em janeiro e/ou fevereiro com término em setembro, podendo ir até outubro. Com relação a vegetação, esta é formada por Florestas Subcaducifólicas e Caducifólicas, próprias das áreas agrestes (CPRM, 2005).

Ainda conforme a CPRM (2005), o solo apresenta-se bastante variado, com solos dos tipos Planossolos, Podzólicos e os Litólicos. O município de Remígio encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do Rio Mamanguape. Seus principais tributários são: o Rio Araçaji e os riachos: Salgado, Cabeço e Berimbau. Todos os cursos d'água no município têm regime de escoamento intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico.

2.2. Dinâmica Histórica e Populacional

Segundo Serafim (1992), o Remígio foi desmembrado do município de Areia no ano de 1957, e possuía uma área territorial de 553 km², considerada uma das maiores do Estado da Paraíba. Conforme a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (FAMUP, 2017):

Os primeiros habitantes do município hoje denominado de Remígio foram os índios Potiguares. Comenta-se que em 1700 já haviam passado homens brancos na região, embora só tenha registros em 1778 quando o alferes Luiz Barbosa da Silva e o português João da Moraes Valcácer, oficializaram, com uma simples troca de fios de barba a permuta de suas propriedades. O nome Remígio derivou-se de um genro de Barbosa Freire que se chamava Remígio dos Reis e que foi o primeiro a construir a sua casa perto de uma das cinco lagoas existentes. Remígio que pertencia a Areia viveu os mesmos ideais da sede tomando parte ativa nas lutas da Confederação do Equador, uma das mais belas páginas da história areiense. Sua Emancipação Política se deu em 14 de março de 1938.

De acordo com Serafim (1992), a população de Remígio em 1960 foi recenseada no município um total de 13.606 habitantes, enquanto em 1970, esse número subiu de forma simplória para 14.164, ou seja, um aumento de 558 hab. Atualmente, segundo dados do IBGE (Estimativa Populacional do ano 2016), a cidade passou a contar com uma população de 19.368 habitantes.

Havendo assim, uma elevação em relação ao Censo de 2010, que contava com um total de 17.581 pessoas. Conforme o referido Censo a população estava distribuída entre homens e mulheres. A população masculina representava 8.379, enquanto a população feminina era de 9.202 hab.

Possui segundo dados da estimativa do IBGE (2016) uma densidade demográfica de 98,77 habitantes por km², com um processo de urbanização de 73,68%. Seu Índice de

Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.612, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano-PNUD (2000).

2.3. Estrutura Econômica

Para Chaves (2011) o município de Remígio- PB apresenta uma economia voltada para a agricultura familiar. Baseada em minifúndios que se espalham pela área territorial do município, apresentando-se como os principais responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura de subsistência.

De acordo com o autor citado, o município passou por vários ciclos econômicos em sua história, que foram desde a pecuária, passando pelo ciclo do fumo e algodão até a plantação de milho, feijão, mandioca, fava e sisal, que foram de relativa significância para a economia do município. Nos dias hoje, o município faz uso do cultivo do algodão colorido agroecológico como uma alternativa para gerar renda para a população rural, bem como a produção de hortaliças e frutas, com destaque para a laranja e banana.

Nas terras ao norte e oeste do município se desenvolveu a cultura do sisal e a produção da bovino-caprinocultura. A pecuária teve nessa área grande desenvolvimento, com o rebanho bovino adquirindo expressivo destaque na aferição da renda para o município. Desse rebanho se extrai a carne e o leite, e desse último os seus derivados, aos quais se revertem em uma forma de comercialização.

Segundo Serafim (1992), na obra “Remígio: Brejos e Carrascais”, a criação do gado está presente na história econômica do município de forma significativa desde os primeiros dias de desmembramento do município da cidade de Areia. Mas supõe-se que a presença de desses animais nas terras do município vem muito além do ano de 1957, cogita-se que desde o século XVIII, alguns nomes da região já tinham em suas terras tal animal.

No comércio apresenta-se caracterizado com empreendimentos tais como supermercados, padarias, posto de combustível, bares, lojas de produtos varejistas e de roupas, quitandas, dentre outros além desses a cidade dispõe de uma agência dos Correios, Banco, Casa Lotérica, entre outros empreendimentos do setor terciário, que vêm contribuindo ainda que de maneira pouco expressiva na renda e empregos para a população local.

2.4. Aspectos Educacionais

Mesmo antes de se tornar um município, Remígio já apresenta uma forte ligação com a educação. A obra de Péricles Vitório Serafim, “Remígio: Brejos e Carrascais” traz em seu interior histórias de professores que tiveram relevância nos primeiros passos dados pelo município em direção ao aprendizado de seus habitantes. Fazendo uma breve explanação dessa história pode-se citar dois nomes que deram as primeiras contribuições para educação do município - Collecto Ferreira Cavalcanti e Rosalina Amélia Andrade Lessa.

No século XIX, o presidente da então província da Paraíba estabeleceu em lei - Nº 848, de setembro de 1888, a criação no povoado de Lagoas, atual município de Remígio o Ensino Primário. Era uma educação voltada apenas para o ensino de meninos. Somente em 1890, as meninas passaram a estudar (SERAFIM, 1992).

Conforme Serafim (1992), o professor dos meninos que estudavam no Ensino Primário foi nomeado nesta época, e por competência própria, um senhor de nome Collecto Ferreira Cavalcanti, dava aula em um espaço público, mas esta teve pouca duração, não excedendo mais que um ano. Já para as meninas foi nomeada a Sr^a. Rosalina Amélia de Andrade Lessa, todavia não reconheciam-lhes a aptidão desta para exercer tal função. Em 1892, a professora foi dispensada e o Ensino Primário foi extinto.

Na atualidade, Remígio conta com diversas escolas espalhadas pelo município. No perímetro urbano encontram-se escolas tanto municipais quanto estaduais e privadas. O município conta com a presença de escolas como: Dr. Cunha Lima, José Bronzeado Sobrinho, Gercina Eloy, Estanislau Eloy, creches como a Júlia Vitório entre outras, que funcionam atendendo sob a responsabilidade de instituições públicas municipais e estaduais para os alunos matriculados.

Muitos desses estudantes se deslocam dos sítios do próprio município onde residem para virem estudar na zona urbana nas escolas citadas acima. Esse deslocamento é permitido através do Transporte Escolar Municipal, por meio dos ônibus do Programa a Caminho da Escola. Também há no município a presença de escolas particulares. Estas funcionam como âncora para a alfabetização até o desenvolvimento da educação de pré-adolescentes do Ensino Fundamental II.

Remígio possui também atualmente um número considerável de estudantes universitários que se deslocam diariamente para à cidade de Campina Grande para estudarem em instituições como a UEPB, UFCG, FACISA, UNESC, Maurício de Nassau, entre outras. Pode-se dizer que o município investe e dá meios para que o estudante universitário desenvolva seu aprendizado e qualifique-se.

2.5. Fatores Culturais

Durante muito tempo não houve no município de Remígio qualquer manifestação de cunho cultural, isso aconteceu devido a falta de interesse por parte da população e do poder público em enxergar os valores culturais, tal comportamento só veio a mudar no início do século XX, como se encontra no livro “Remígio: Brejos e Carrascais” (SERAFIM, 1992).

A primeira manifestação em forma de música que se tem notícia no município foi a da banda de pífanos do sítio cunha, a qual sobreviveu durante muito tempo, era expressão fiel da musicalidade nativa, formada por negros que residiam no sítio já mencionado. O povo remigense sempre manteve forte vínculo com a fé e as festas religiosas, estas sempre foram manifestações fortes. Os cidadãos de Remígio desde sempre culminaram as novenas, romarias, procissões e tantas outras formas de manifestação da fé.

As festividades religiosas começavam pela celebração da Festa de Reis, comemorada no mês de janeiro, dando sequência com o dia de São Sebastião, em 20 de janeiro, e em maio é festejado todas as noites a devoção do Mês Mariano. Já em junho, há a Trezena de Santo Antônio, treze dias dedicados as orações, as quais ocorrem no Sítio Queimadas. É um mês de muita oração e festa popular.

[...] Terminada a parte das orações, começava o “comes e bebes” e sobretudo o momento do baile. O santo era folgazão, não tinha formalidade, mesmo assim, a conselho de beatas mais fervorosas, a imagem era colocada de costas para o samba. E haja arrasta-pé no chão duro, coberto de folhas de louro e canela.”. (Serafim, 1992. P. 217).

O São João também é festejado. A população local segue as tradições juninas com fogueiras nas frentes das casas, comidas típicas feitas à base de milho, adivinhações e danças. E a festividade religiosa que ocorre em novembro no qual é comemorado o mês da Padroeira da Cidade - Nossa Senhora do Patrocínio, esta está mais direcionada a população local e aos devotos da Santa.

Atualmente, o município conta com uma nova modalidade cultural, a Festa da Colheita do Algodão Agroecológico, que ocorre em datas não especificadas por meio dos produtores e da Prefeitura Municipal entre outros órgãos envolvidos. Há pouco tempo Remígio passou a fazer parte do roteiro turístico do chamado Circuito Caminhos do Frio, que a cada ano vem alavancando uma população maior, entre os meses de junho a agosto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Perfil Socioeconômico do Feirante Flutuante da Feira Livre de Remígio-PB

Com as transformações ocorridas no mercado de trabalho, atualmente os trabalhadores procuram atender às demandas da aferição do capital, ou seja, a busca pela sobrevivência, mantendo intensa a legitimidade do lucro e a comercialização acirrada de mercadorias. Para Silva (2010) este processo é:

Novo ritmo que é imposto ao sistema de comercialização, também exige um novo perfil do trabalhador, espera-se que ele seja flexível e capaz de atender com proficiência as funções as quais venha a se inserir para manter sempre viva a finalidade dessa lógica do mercado, a obtenção cada vez maior do lucro. Mas esse mundo do trabalho que emerge, também, não foi capaz de absorver a crescente força de trabalho, elevando o número de desemprego e subemprego. É nessa contextualização que se desenvolve cada vez mais o trabalho informal, como reflexo das expressões da flexibilidade, da precarização e da ilimitada exploração do trabalho justificado cada vez mais como única alternativa de sobrevivência diante da pauperização da família diante de uma economia mais formal e com os direitos trabalhistas legais (SILVA, 2010, p.81).

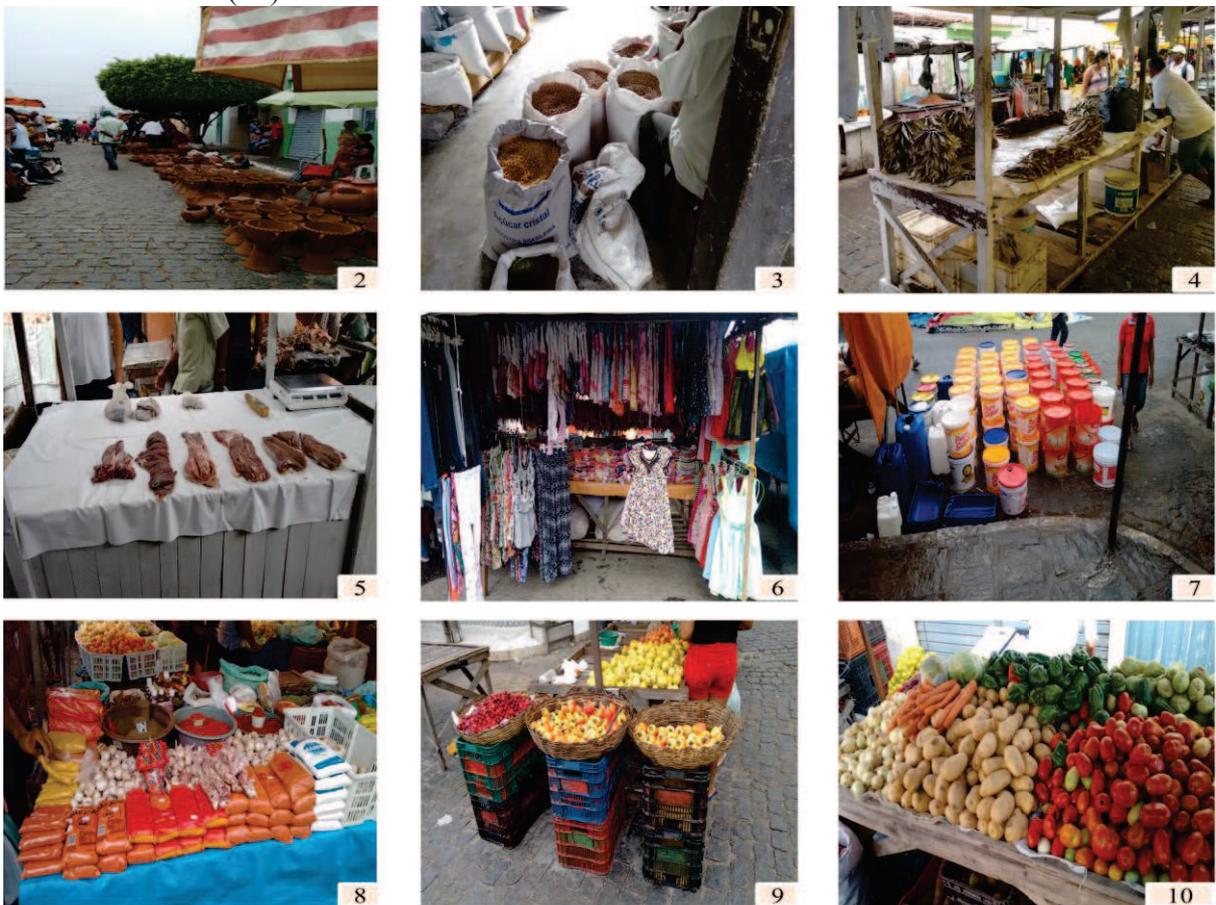
Em consonância com a pesquisa realizada junto aos feirantes da feira livre de Remígio-PB foi possível traçar um perfil dos mesmos. Vale ressaltar que este tipo de trabalho vem trazendo efeitos diferenciados para os trabalhadores no decorrer das décadas, haja vista que a feira está presente na vida da maioria dos entrevistados há bastante tempo. Muitos destes, através da comercialização e buscam garantir de forma significativa o sustento familiar adquirido com esta renda. Para a maioria dos feirantes, em torno de 90%, a comercialização na feira é a única fonte de renda, pois muitos não possuem outra forma de sustento, nem em suas cidades de origens e nem com outras possibilidades de emprego.

Para os feirantes que fazem parte da feira livre em Remígio, na maioria das vezes, os municípios onde estes residem poucos ou nada ofertam empregos. Quando estes trabalham ou conseguem algum tipo de trabalho é realizado sob a perspectiva da economia informal (sem carteira assinada e direitos trabalhistas) em pequenos empreendimentos comerciais, tais como lojas, pequenas casas de construção, quitandas, mini-boxes, pequenos supermercados, entre outros, além de trabalhos assalariados nas prefeituras municipais e aposentaria ou pensionista.

Este tipo de trabalhador desenvolve a atividade de feirante de modo informal, ganha pouco e possui uma jornada de trabalho exaustiva, chegando a alguns casos a trabalhar 7 dias por semana. A geração de renda e emprego destes originários dos municípios de Esperança, Areia e Lagoa de Roça praticamente se baseia na exposição de suas barracas ou bancos expostos na feira livre de Remígio, no qual encontram a única oportunidade de trabalho.

Diante do quadro exposto, pode-se perceber através da pesquisa *in loco* (março de 2017), por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, que as atividades desenvolvidas pelos feirantes possuem como características bastante evidentes a força física e o livre acesso de circular pela feira. A representação territorial da feira livre de Remígio apresenta vários de tipos de comércios como: a própria feira livre, boxes, tarimbas de carne, bancos de roupas (tipo sulanca), frutas, verduras, bijuterias, temperos, produtos variados (panelas, bacias, louças entre outros) – (Figuras 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10).

Figuras: (2) Utensílios de cerâmicas, (3) cereais em sacos, (4) tarimba de peixe, (5) tarimba de carne, (6) banco de roupas, (7) vasilhames secos, (8) barraca de condimentos, (9) caixotes e cestas de frutas e (10) banca de verduras.



Fonte: Próprio autor, 2017.

Para melhor compreensão, baseado na pesquisa foi possível codificar informações repassadas pelos entrevistados, que se mostraram múltiplos aos questionamentos realizados, tal qual se inserem como atores sociais tipo feirantes, da feira livre de Remígio, quanto aos aspectos socioeconômicos, comoo perfil educacional e características peculiares. Uma das características mais comum encontrada junto aos entrevistados foi a de que não exercem atividades formais ou informais (fora da feira) além da própria feira livre e que trabalham na agricultura. Houve muitos relatos por parte dos mesmo que a feira contribui de forma tímida

em sua renda, mas a maioria concorda que esta tem papel importante para complementar e ajudar na sobrevivência familiar. A feira livre da cidade é um espaço característico da difusão da informalidade (Figura 11).

Figura 11: Imagem do perfil da economia informal na feira livre de Remígio



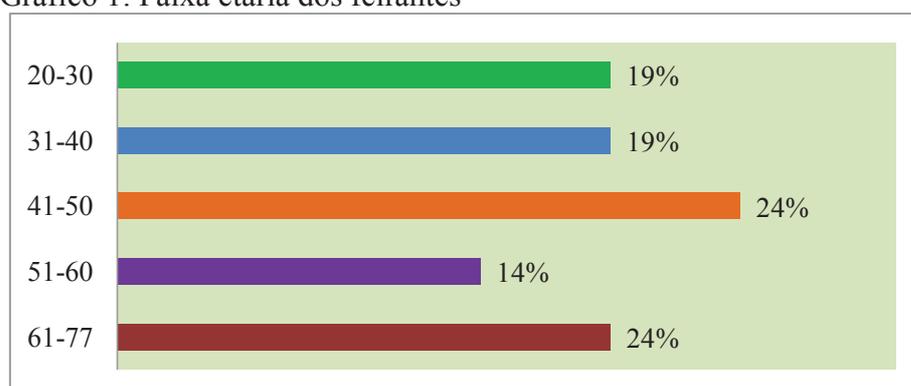
Fonte: Próprio autor, 2017.

Como se pode observar por meio da aplicação dos questionários, do total de 21 entrevistados, 12 eram do sexo masculino, o que correspondeu a 57% e 9 do sexo feminino, representando 43%. O que respalda uma diferença de 14%, sobressaindo à mão de trabalho masculina. Mesmo assim, para Silva (2010, p. 82),

São homens e mulheres que se inseriram nesse espaço da informalidade, na maioria das vezes, conduzidos pelos próprios familiares com o propósito de contribuírem para o seu sustento e lá permaneceram uns por não possuírem alternativa de ocupação e outros pela ilusão de autonomia trabalhista, caracterizada pela inexistência de um patrão. ... No caso da mulher, essa nova fase da vida traz uma dupla responsabilidade, trabalha fora de casa e ainda precisa encontrar disposição para realizar as atividades dentro de casa.

Dentro do contexto investigado, houve-se a preocupação de se questionar quando a faixa etária dos feirantes. A mesma apresentou uma variação considerável entre 20 a 77 anos. Como pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Faixa etária dos feirantes



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Entre a idade de 20 a 30 anos, obteve-se um percentual de 19% de feirantes. Esse mesmo número percentual também foi constatado dentre aqueles que possuem idade entre 31 a 40 anos. Portanto, a população de feirantes faixa de 20 a 40 anos representa a faixa que concluíram o Ensino Fundamental ou até mesmo o Médio, mas que não conseguiram ingressar na economia formal, no entanto seguiram o caminho do trabalho informal. Muitos deles já trabalham na feira livre desde cedo, ajudando algum familiar e hoje possuem sua própria banca ou barraca. Alguns já constituíram família que retiravam da feira livre o sustento de seus lares. Segundo Silva (2010, p. 113):

O surgimento de um novo cenário do mercado de trabalho instaurado nas feiras livres no Brasil a partir da crise do capital e caracterizado por um elevado número de desemprego, de trabalhos precarizados e terceirizados configurados pela ausência da garantia de direitos trabalhistas engloba uma série de trabalhadores, principalmente conduzidos pelas necessidades familiares diante de um mercado cada vez mais exigente e excludente.

Com relação à faixa etária entre 41 e 50 anos, chegou-se a um percentual de 24% de feirantes atuando na feira livre. São em maioria, feirantes com bastante experiência, já exercem suas atividades há mais de 20 anos na feira. Estes ingressaram nesta atividade ainda criança, levados por seus pais para ajudarem nas vendas. Esta é uma prática muito comum da região de Remígio, já que este tipo de trabalho passa de geração para geração, e assim, vai se perpetuando até os dias de hoje.

Na feira livre de Remígio 14% dos feirantes apresentam idade entre 51 e 60 anos. Assim, os feirantes investigados possui grande experiência na atividade de comercializar na feira. E, em último lugar, foram encontrados 5 pessoas, as quais responderam possuir idade entre 61 a 77 anos. Isso em números percentuais representa 24% de feirantes.

Em suma, são feirantes que possuem garantida a aposentadoria ou pensão, mas que ainda estão ativos para trabalharem e por gostarem do que faz, ou mesmo para auferir uma renda maior e assim garantir melhor o sustento familiar, principalmente dos netos e dos filhos que não conseguiram empregos (formal) ou trabalhos (informal).

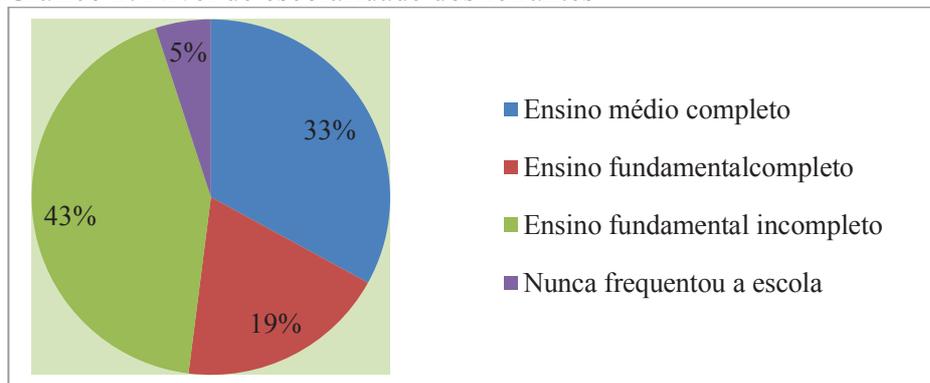
A própria escolaridade dos feirantes de Remígio é algo que deve ser levado em consideração, mesmo estes não tendo posto residencial no município, e sim, apenas comercial. Pois, quanto maior o nível de educação destes, menores são as chances destes ingressarem no mercado formal ou em outra atividade fora da feira. Já que esta atividade não requer um alto grau de escolaridade, haja vista, que é necessário apenas ser alfabetizado.

No entanto, uma das razões primordiais para que ocorra o trabalho de pouco reconhecimento por parte da sociedade, é a necessidade financeira da família, que, por

consequente atinge todo o sistema familiar. Quando questionados sobre a questão do nível de escolaridade, verificou-se que 5% nunca frequentou a escola. No entanto, este grupo enquadra-se dentro da classe de feirantes não alfabetizada, mesmo assim estes são capazes de desenvolver a atividade desde que tenham conhecimento do valor da moeda, ou seja, dinheiro.

Observou-se que 43% destes, possuem o ensino fundamental incompleto, enquanto 19% responderam ter finalizado o ensino fundamental. E, por fim, 33% deles responderam terem concluído o ensino médio. Portanto, diante de tais constatações quantitativas pode-se constatar que a maioria dos feirantes possui uma escolaridade baixa, o que corresponde a 67%, entre os que nunca frequentaram a escola ao ensino fundamental incompleto (mesmo a escola tendo sido presente em suas vidas, não conseguiram concluir o ensino fundamental) ensino fundamental completo (Gráfico 2).

Gráfico 2: Nível de escolaridade dos feirantes



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Os feirantes investigados que conseguiram atingir certo grau de escolaridade dizem que não encontra muita perspectiva quanto a mudança de trabalho – com carteira assinada e com seus direitos trabalhistas garantidos. No entanto, estes não encontram muita expectativa na vida, já que nem a Previdência Social a maioria não consegue pagar, a fim de garantir um período senil mais aplausível. Porém, mesmo tendo um nível educacional simplória, os feirantes se acham numa situação de inferioridade dentro da sociedade quando comparada as pessoas que possuem um trabalho com carteira de trabalho assinada.

3.2. Circuito da Circulação dos Feirantes Conexas: origem, tempo, tipo de comércio, renda e perspectiva de melhoria de vida

No Brasil, as feiras livres surgiram no período colonial e nos tempos atuais quase todas as cidades do país, e em especial da Região Nordeste, esta atividade foi capaz de gerar importância, crescimento e desenvolvimento para os espaços urbanos. No interior do Brasil, as feiras passaram a representar locais de transações comerciais e populacionais, mas também de lazer e cultura. E desta forma, Remígio surgiu e permanece até os dias de hoje com o

enlace de uma atividade milenar, não se refugiando diante da história mundial, brasileira e nordestina. Para Roberto Apagio (s/d, p. 1):

A feira é um lugar cheio de sons, movimentado e colorido. Talvez por isto chame a atenção numa primeira análise. O colorido das frutas e legumes nas barracas iluminadas pela luz do sol filtrada através dos toldos proporciona um visual muito bonito. Em alguns lugares o sol passa direto pelas frestas e espaços entre as barracas criando uma luz incrível.

Os feirantes gritam apregoando a qualidade dos seus produtos e garantindo que o seu preço é o melhor da feira. As pessoas circulam muito, examinam, pechinçam ou simplesmente estão à procura do que desejam. Outras já têm suas barracas preferidas, conhecem o feirante de longa data e às vezes parecem mais amigos do que fregueses. Em muitas barracas nota-se que as pessoas que estão trabalhando são todas de uma mesma família.

No meio disto tudo ainda existem vendedores ambulantes, com tabuleiros montados em cima de caixotes ou simplesmente no chão, que aproveitam a feira para tentar vender diversos produtos. Meninos se oferecem para ajudar as pessoas a carregar as mercadorias. Em suma: uma "confusão" perfeitamente organizada onde tudo parece funcionar na hora e no lugar certo.

Em vista do relato acima, descrito por Roberto Apagio, foi colocada em questão a origem, tempo, tipo de comércio, renda e perspectiva de melhoria de vida dos feirantes por meio do questionário investigativo (Apêndice), no entanto por meio deste chegou-se aos seguintes questionamentos:

– Quanto à origem: 29% dos entrevistados responderam ter nascido no município vizinho de Esperança, de onde migraram para outras localidades, como o próprio município de Remígio, no qual fixaram residência. 29% responderam ter nascido na cidade de Areia. Destes percentuais, muitos se dispersaram para outras localidades, e hoje não moram mais no município de origem. E por fim, 42% dos feirantes, disseram que vieram de outros municípios do estado da Paraíba, bem como de Lagoa de Roça e até mesmo de fora do estado, como de São Paulo. De acordo com estas informações, pode-se concluir que grande parte dos feirantes saiu de seus municípios de origem para vir morar e sobreviver em Remígio.

Segundo o questionamento sobre onde reside atualmente, a maioria dos feirantes - 52%, responderam que possuem residência no município de Remígio. 24% moram em Esperança, 10% em Arara, onde moram e comercializam na feira livre de Remígio nos domingos. E, finalmente 14% dos entrevistados responderam residir em outros municípios que não constam no questionário, como Picuí, Barra de Santa Rosa e Lagoa de Roça, entre outros. Constatou-se assim, que a maioria dos feirantes de Remígio- PB residem no próprio município.

– Quanto ao tempo: 14% responderam que estão na atividade de feirante a mais ou menos de 1 a 3 anos. Outros 14% responderam que, estão exercendo a atividade a um período referente entre 10 a 15 anos. Já 10%, disseram que vive do trabalho comercial da feira entre 4

a 8 anos. 10% dos entrevistados afirmaram que se encontram nesta localidade entre 16 a 19 anos. E, por último, 52% dos entrevistados responderam estarem presente nas feiras há no mínimo 20 anos. Conforme as respostas, conclui-se que a maioria dos feirantes é bastante experiente e que exercem suas atividades há pelo menos duas décadas.

Em relação ao tempo de comércio na feira livre de Remígio, 19% disseram exercer atividade na feira livre a um período que varia entre 1 e 3 anos. São em geral, pessoas mais jovens, com idade não ultrapassando os 30 anos. 23% responderam comercializar na feira de Remígio a um período de 4 a 8 anos. Para 29% dos entrevistados, a feira livre é uma realidade em suas vidas no qual se encontram entre 10 a 15 anos. E, por fim, 29% de feirantes disseram sobreviver da feira a mais de 20. Pode-se constatar que a maioria dos feirantes da feira livre são pessoas com grande tempo de experiência na mesma.

– Quanto ao tipo de comércio: 33% dos feirantes questionados, conforme demonstra a Tabela 1, comercializam alimentos. 5% frutas, 10% vendem verduras, 14% roupas e, 38% comercializam produtos que não estão constam no questionário, como por exemplo, relógios e bijuterias, totalizando assim a maioria dos feirantes. 71% dos entrevistados responderam que o seu ponto comercial é próprio, 24% disseram ser alugado, e, 5%, não soube responder com precisão e limitou-se a responder que ocupa um espaço coberto dentro do Mercado Público.

– Quanto à renda: Questionados sobre a renda semanal, os feirantes responderam de formas variadas. Muitos disseram que suas rendas sofrem variações bem significativas a cada semana. Há semanas, que a renda é positiva e há semanas que a feira não é boa. Estes afirmaram que há semanas que não conseguem arrecadar a manutenção da casa e família. "Varia muito o que a gente ganha a cada semana", comentou a maioria. 24% responderam que adquirem em média por semana de 30 a 50 reais. 19% relataram a chegar a uma renda semanal que varia de 300 até 400 reais. Para 5% dos feirantes, essa renda pode até chegar a 500 reais, sofrendo alterações a cada semana. Já para a maioria dos feirantes entrevistados, 52%, a renda semanal varia entre 100 e 200 reais. Segundo tais números, se conclui que a renda da maioria dos feirantes não passa dos 200 reais semanalmente, totalizando um salário de 600 a 800 reais mensais.

Passada a questão sobre renda em uma escala mensal, a maioria dos entrevistados, 64% responderam não totalizar por mês uma renda que chegue a 1 salário, haja vista, que por semana a maioria atinge renda chegando aos 200 reais. Para 27% é possível conseguir arrecadar até 1 salário por mês. E 9%, disseram conseguir mensalmente um valor que ultrapasse 1 salário, ou até mesmo, consiga chegar a um segundo salário mínimo. Portanto, para a grande maioria dos feirantes, a feira livre de Remígio não chega a render mensalmente

nem um salário mínimo. Em decorrência disso, muitos feirantes buscam a complementação por meio de ajuda de familiares, bolsa família, agricultura e outras formas aqui não elencadas.

– Quanto à perspectiva de melhoria de vida dos feirantes: Praticamente todos os feirantes entrevistados não esperam grandes mudanças ao que concerne a uma melhoria de suas vidas com feirante. Muitos já estão nessa prática há muitos anos e sabem bem da pouca perspectiva de crescimento na vida por meio desta atividade, considerada de pequeno porte, simplória e tímida. Como relata alguns dos feirantes, “há semanas que adquirimos uma renda melhor, há semanas que mal ganho dinheiro para pagar o imposto da Prefeitura”. Todavia, é uma atividade que lhes garantem um complemento na renda ou mesmo renda total, pois a maioria não exerce outras atividades de cunho formal ou informal além da feira livre.

Concomitantemente, 19% dos entrevistados relataram que além da feira exercem alguma outra função. Já a grande maioria, 81% afirmaram que não exercem nenhuma outra função, a não ser na feira. Todavia, alguns destes disseram praticar a agricultura. Alguns feirantes expuseram que o que vendem na feira é um “pingado”, como renda familiar. Os demais mencionaram que “a feira livre não rende muito e os rendimentos financeiros que conseguimos ficam abaixo do que é necessário para mantermos as nossas casas e a família”.

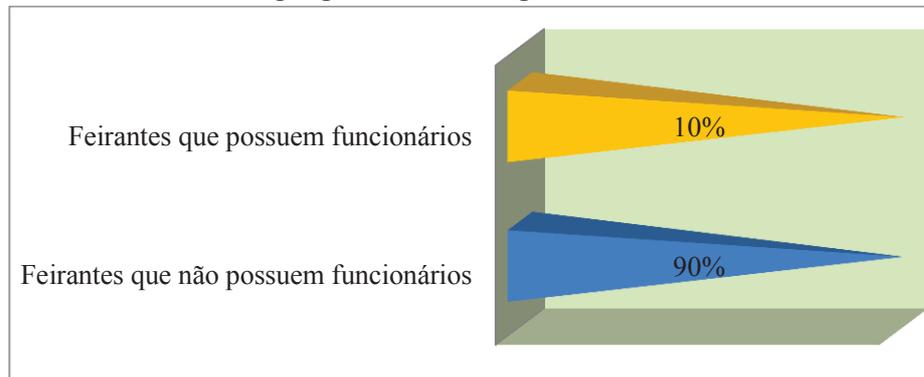
Constatou-se que para 62% dos questionados, a feira é um meio significativo ao que concerne a sobrevivência. Para 24% dos feirantes, estes contam que não consideram a feira livre de Remígio como um comércio no qual estabeleça uma grande contribuição na sua renda, e conseqüentemente, a sobrevivência. Para 14% dos que responderam ao questionário, a feira livre contribui muito pouco como forma de sobrevivência.

– Quanto aos feirantes flutuantes na perspectiva do comércio familiar e empregatício: Praticamente todos os feirantes que foram entrevistados, em percentual de 90% responderam que não possuem funcionários. É uma atividade que não gera uma renda grandiosa, e se forem pagar pela ajuda de alguém, vai render muito menos, assim relatou grande maioria dos entrevistados. A ajuda que muitos deles recebem é por parte de parentes, que na maioria dos casos, ajudam sem receber por isso. Já 38% dos entrevistados responderam que exercem sozinhas suas atividades na feira livre. Somente 10% dos feirantes responderam que pagam de forma semanal ou mensal para algum funcionário lhe ajudar a vender os produtos na feira livre.

Questionados sobre a ajuda recebida por parte de algum familiar, 62% dos feirantes responderam que recebem esta ajuda. Esses 62% foi dividido entre os feirantes que não pagam pela ajuda de familiares e os que pagam. Com base neste percentual, 12 destes disseram que não pagam pela ajuda que os filhos, esposa, marido, sobrinhos entre outros. O que ele

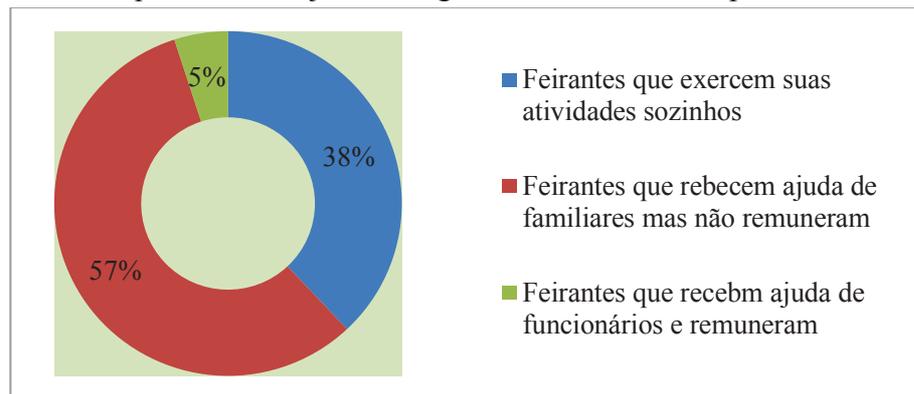
ganha na feira livre é dividido com seu familiar-ajudante e os demais parentes para conduzir o sustento da casa e da família. Apenas 1 feirante respondeu que paga pela ajuda de um familiar, e o trata como um funcionário, pagando-o semanalmente uma quantia de 30,00 reais, ou seja, recebendo mensalmente 120,00 reais (Gráfico 3).

Gráfico 3: Feirantes que possuem e não possuem funcionários



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Gráfico 4: Feirantes que recebem ajuda de algum familiar ou não e possuem funcionários



Fonte: Pesquisa direta, 2017.

Conforme o relato acima, dimensionado para os feirantes da feira de Remígio-PB, tomando como base Mariani & Arruda (2010) os mesmos discorrem que o território pode ser visto como um espaço onde ocorrem relações de poder, sendo que neste mesmo espaço ocorrem transformações, as quais são colocadas em prática pelos agentes que o dominam.

Neste caso, refere-se aos feirantes que ocupam o espaço público da feira livre de Remígio, levando assim a perceber que em determinadas localidades da feira estes atores sociais buscam firmar o seu território em busca de garantir a sua renda familiar, já que estes não possuem nenhum vínculo empregatício dentro do mercado formal. As ações desses atores dominadores se consolidam em uma transformação desses espaços particularizados e assim, constituem as chamadas territorialidades.

Sendo assim, se torna incompreensível o conceito de território sem as relações que se dão dentro da feira livre de Remígio- PB, com estes trabalhadores volantes, relações estas

causadas através desses grupos que ao dominar este território o transforma, gerando uma territorialidade.

Sucintamente, concebe-se o território como sendo o espaço apropriado por relações de poder, sendo que tal apropriação inevitavelmente incorre em transformações do espaço, conforme expõem Dallabrida & Becker (2003). As ações que desencadeiam um espaço transformado; particularizado pelos grupos que o dominam constituem as territorialidades deste espaço apropriado, ou seja: constituem as territorialidades do território ocupado, já que este não mais poderá ser entendido sem as relações de poder dos grupos que lhe conferem corpo (MARIANI & ARRUDA, 2010, p. 2).

Em alusão ao exposto pelos feirantes, pode-se dizer que estes se fazem presentes em determinados espaços particularizados dentro da feira livre como um grupo dominante e causador de uma ação de transformação desse espaço, mesmo que seja apenas nos dias de feira. Eles agem, dominam este território, estabelece relações de poder dentro desse, atribui e executa uma função e o mesmo o transforma como meio de sobrevivência; ao que concerne a criar dentro dele um ponto de venda de seus produtos, gerando renda e garantindo o seu sustento e dos familiares, que em determinados casos seriam junto como o feirante um agente dominador e causador dessa territorialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para melhor compreender a feira livre do município de Remígio-PB sob o contexto da perspectiva comercial e territorial foi necessária a realização de um estudo analítico sobre as feiras em uma contextualização histórica. O tema referenciou-se a uma análise sobre o seu processo de surgimento no mundo até a sua chegada ao Brasil e seu desenvolvimento na região Nordeste brasileira, e especificamente ao município supracitado.

A abordagem da feira livre de Remígio ponderou-se sob o ângulo do perfil socioeconômico dos feirantes que são agentes transformadores do espaço onde realizam este fim. A feira livre de Remígio ocupa um amplo espaço onde se dão diversas formas de comércio. É sem dúvidas um evento de valiosa importância para a economia local e para a sua população. Além de exercer grande importância para a vida de feirantes, consumidores e frequentadores em geral. É tradicionalmente um evento que muda a dinâmica do município em dias de sua realização (domingos), abrigando em seus espaços comerciantes de seu próprio município e circunvizinhos.

Os feirantes são atores sociais que transformam esse espaço (feira livre) e criam seus próprios territórios comercializando dentro deles suas mercadorias de ordem diversas e assim estabelecendo relações com este espaço e com demais feirantes vizinhos. Foi observado que a maioria desses feirantes é do sexo masculino, possuem baixa escolaridade e em sua maioria são residentes no próprio município. São feirantes para os quais as oportunidades de trabalho não se mostraram favoráveis dentro da cidade de Remígio e dos municípios adjacentes, isso decorre em vista a sua baixa escolaridade, além da escassez da oferta de trabalho formal.

Conforme os dados analisados se constataram que os feirantes exercem os conceitos de territorialidade e desterritorialidade, conceitos estes que lhes cabem comercialmente dentro da feira livre, ou seja, dentro de seus territórios. A partir do momento que o feirante domina e transforma seu espaço territorial, realizando dentro dele a venda de seus produtos, o mesmo exerce a prática da territorialidade.

Ainda em concomitância com os dados auferidos pode-se concluir que para a maior dos feirantes entrevistados a feira livre do município de Remígio coloca-se sob uma significativa importância para ajudar em suas rendas, e conseqüentemente, na sobrevivência de seus familiares. Portanto, esta temática esta propicia abrir um novo espaço para uma abordagem mais aprofundada do tema em oportunidades futuras.

REFERÊNCIAS

- ADHB/IPEA. Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil 2013. Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada. *Perfil do Município de Remígio na Paraíba*. São Paulo: ADHB/IPEA, 2013.
- APAGIO, R.A *Feira*. Disponível: <http://www.robertoagapio.fot.br/texto01.htm>. Acesso: 15/04/2017.
- BARBOSA, P. S. S. A Feira livre do Município de Puxinanã-PB a Partir dos Aspectos Sociocultural e da Economia Informal. *Monografia (Graduação)*. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande: UEPB, 2013.
- BRASIL/MIN. *Ministério da Integração Nacional*. Brasília-DF: MIN, 2006.
- BUENO, B.; LUMIKOSKI, A.; PASCHOAL, A. D. S.; SOUZA, C. *Economia Informal: desafios ao estabelecimento de padrões de trabalho decente. Indivíduo, Sociedade e Autonomia: Caminhos para a dignidade humana*. Brasília: Editora da UNB, 2013.
- CHAVES, G. R. Análise Socioeconômica e Cultural da Feira Livre de Remígio. *Monografia de Graduação*. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande: UEPB, 2011.
- CPRM. *Serviço Geológico do Brasil*. Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea. Diagnóstico do Município de Remígio - Estado da Paraíba. Recife-PE: CPRM/PRODEEM, 2005.
- FAMUP. Federação das Associações de Municípios da Paraíba. *Município de Remígio na Paraíba*. Disponível: <https://www.google.com.br/#q=FAMUP&>. Acesso: 18/03/2017.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia do Brasil. *Município de Remígio na Paraíba*. Disponível: <https://www.google.com.br/#q=IBGe+-+Remigio-pb&>. Acesso: 18/03/2017.
- MARIANI, M. A. P.& ARRUDA, D. O. *Território, Territorialidade e Desenvolvimento Local: um estudo de caso dos empreendimentos econômicos solidários de Corumbá-MS*. Campo Grande-MS:UFMS, 2010.
- PAMPLONA, J. B. *A Atividade Informal do Comércio de Rua e a Região Central de São Paulo*. Caminhos para o Centro: estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo. São Paulo: EMURB/ CEBRAP, 2004.

PNUD/ONU. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Organização das Nações Unidas. *Atlas de Desenvolvimento Humano – 2000*. Município de Remígio-PB. PNUD/ONU, 2000.

REA, L. M.; PARKER, R. A. *Metodologia de Pesquisa: do planejamento à execução*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

RODRIGUEZ, J. L. (Coord.). *Atlas Escolar da Paraíba*. 3 ed. João Pessoa: GRAFSET, 2002.

SERAFIM, P. V. *Remígio: brejos e carrascais*. João Pessoa: Editora Universitária, 1992.

SILVA, G. O. S. A Construção Social da Identidade de Jovens na Feira Livre do Município de Simão Dias/SE. *Dissertação de Mestrado*. Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. São Cristovão-SE: UFSE, 2010.

SOUZA, M. L. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial*. 1ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Geografia
Curso de Licenciatura Plena em Geografia

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FEIRANTES DA FEIRA LIVRE DE REMÍGIO – PB

- 1) Nome do feirante: _____
- 2) Sexo: M ~ F - 3) Idade: _____ - 4) Naturalidade: _____
- 5) Qual nível de escolaridade você possui?
- () Nunca frequentou a escola () Ensino fundamental incompleto
() Ensino fundamental completo () Ensino médio incompleto
() Ensino médio completo () Ensino superior incompleto () Ensino superior completo
- 6) Município em que reside? () Remígio () Arara () Esperança () Outros _____
- 7) Há quanto tempo trabalha na feira como comerciante?
- () 1 a 3 anos () 4 a 8 anos () 10 a 15 anos () 16 a 19 anos () Mais de 20 anos
- 8) Há quanto tempo comercializa na feira livre de Remígio-PB?
- () 1 a 3 anos () 4 a 8 anos () 10 a 15 anos () 16 a 19 anos () Mais de 20 anos
- 9) Qual tipo de produto você comercializa, ou seja, vende?
- () Alimentos () Frutas () Verduras () Roupas () Outros _____
- 10) O ponto comercial que você utiliza é:
- () Próprio () Alugado () Emprestado () Ao ar livre () Outros _____
- 11) Possui autorização por parte da Prefeitura Municipal de Remígio para exercer sua atividade em determinado espaço na feira? () Sim () Não
- 12) Qual a sua renda adquirida por semana? _____
- 13) Qual a sua renda adquirida por mês (valor em salário)?
- () Menos de 1 () Até 1 () Até 2 salários () De 3 a 4 () Outros _____
- 14) A feira livre de Remígio-PB como meio de sobrevivência significativa para o seu sustendo familiar? () Sim () Não
- 15) Exerce alguma profissão formal ou informal além do trabalho na feira livre de Remígio?
- () Sim () Não
- 16) Possui funcionários que trabalham com você na feira livre? () Sim () Não. Se sim, quanto você paga por:
- Semana: _____ - Quinzenal: _____ - Mensal: _____
- 17) Tem algum familiar que trabalha com você na feira? () Sim () Não. Se sim, quanto você paga por:
- Semana: _____ - Quinzenalmente: _____ - Mensalmente: _____

18) Você possui clientes fixos na feira livre de Remígio-PB? () Sim () Não. Se sim, qual é o percentual por: Semana: _____ - Quinzenal: _____ - Mensal: _____